

VINTE E QUATRO HORAS POR DIA, SETE DIAS NA SEMANA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO CEARÁ (1973-2008).

Francisco Alexandre Gomes¹

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da pesquisa que está sendo realizada sobre as memórias e as histórias dos trabalhadores de uma indústria têxtil no Ceará, entre os anos de 1973 e 2008. O estudo enfatiza o profícuo processo de transformações vivenciado pelos operários de uma das companhias têxteis de maior projeção no Estado do Ceará: a Fiação Nordeste do Brasil S/A, Finobrasa, que depois foi transformada na unidade IV da Vicunha Têxtil S/A. A concentração da pesquisa nos operários de uma única fábrica deve-se ao fato de que esta empresa compôs de maneira indubitável o universo econômico e industrial do Estado do Ceará, além de participar da tessitura social e urbanística cearense durante os últimos quarenta anos.

Conforme apontam os estudos de Elizabeth Fiúza Aragão, A Finobrasa foi fundada em dezembro de 1968, porém as atividades produtivas só tiveram início em 1973. A escolha do ano de 1973, como temporalidade inicial, visa demonstrar que sendo o estudo sobre trabalhadores não teria sentido iniciá-lo com a data de fundação da empresa, mas somente a partir do momento em que eles começaram a fiar e a tecer na fábrica. Na época de sua fundação a Finobrasa era uma empresa com capital acionário dividido entre empresários cearenses e paulistas, em 1992 ela passou a ser 100% dos paulistas – Grupo Vicunha. No ano de 1998 ela deixou de ser Finobrasa, para se transformar na unidade IV da Vicunha Têxtil, foi a partir deste período que se intensificou o processo de reestruturação produtiva na empresa.²

Inicialmente o estudo tinha como referência temporal o período entre 1973 e 1998, mas como indica a advertência de Mônica Medeiros: “*muitas vezes as evidências históricas nos fazem retroceder ou avançar no recorte previamente estabelecido*”. (2006, p. 111). Em meados de 2008 a fábrica foi fechada, muitos trabalhadores foram demitidos e os demais foram transferidos para outras unidades do grupo Vicunha Têxtil

¹ Mestrando em História Social – UFC. E-mail: franciscoalexandre.gomes@gmail.com

² ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. *O fiar e o tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará*. Fortaleza: Sinditêxtil – Fiec, p. 239.

S/A, no Estado do Ceará, localizadas nas cidades de Pacajús e Maracanaú.³ Devido às conseqüências deste episódio para vida dos trabalhadores, optou-se por um alargamento no recorte cronológico, que passou a abarcar o período correspondente aos anos de 1973 a 2008.

Ainda, segundo Aragão (2002), a história da indústria têxtil no Ceará pode ser compreendida de acordo com a seguinte subdivisão temporal-conceitual: 1ª fase: 1882 a 1900 (os pioneiros), 2ª fase: 1900-1960 (os empreendedores), 3ª fase: 1960-1980 (os modernos) e 4ª fase: 1980 em diante (a geração empresarial).⁴ De 1960 a 1980 existiu uma grande preocupação com a modernização do equipamento e com a circulação dos produtos no mercado nacional. Dos anos 80 em diante, iniciou-se o processo de internacionalização da produção, a reestruturação dos processos produtivos, a vinda de empresas e empresários das regiões Sul e Sudeste e a profissionalização empresarial. Esta última fase da indústria têxtil cearense apresenta uma contradição, isto é, paralelamente ao grande crescimento da produção, com o Ceará chegando a ser o segundo maior pólo produtor do país,⁵ aconteceu, também, a extinção de várias empresas e a demissão de milhares de trabalhadores.

Se analisadas de forma isolada, as transformações ocorridas no setor têxtil cearense representariam uma trivialidade, porém, quando se atrela estas transformações ao intenso e frenético ritmo adquirido pelas mesmas e as alterações proporcionadas por elas na relação produção/emprego, a partir de 1970, tem-se um fato excepcional na história da indústria têxtil, não apenas cearense, mas brasileira.⁶ De acordo com Massuda (2002), a quantidade e a intensidade das mudanças estão diretamente ligadas ao porte da empresa. Nas grandes companhias exportadoras, interligadas ao mercado internacional o ritmo das mudanças foi bem mais acentuado. Baseando-se na ampla bibliografia consultada e nas fontes analisadas,⁷ é possível afirmar que nos últimos 40

³ Jornal Diário do Nordeste, de 22/02/ 2008. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>

⁴ ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. Op. Cit., p. 65-66.

⁵ Revista da FIEC. Ano 1 - Edição 10 - março de 2008 . Disponível em: <http://www.fiec.org.br>

⁶ MASSUDA, Ely Mitie. Transformações recentes da indústria têxtil brasileira (1992-1999). In: *Acta Scientiarum*, Maringá: UEM, vol. 24, nº 01, p. 243-251, 2002.

⁷ **Fontes orais:** entrevistas com trabalhadores da Finobrasa/Vincunha IV, sindicalistas e empresários; **Fontes hemerográficas:** jornal O povo, jornal Diário do Nordeste, jornal Tribuna do Ceará, jornal O Estado, Jornal e Revista da FIEC, Jornal do sindicato dos trabalhadores têxteis de Fortaleza, jornal da Finobrasa/Vicunha IV e folhetins das campanhas salariais dos trabalhadores; **Fontes arquivísticas:** ofícios, telegramas, manuais com as normas da fábrica, pasta de rescisões, registro de contribuição

anos, dentre as indústrias de grande porte do setor têxtil Cearense, a Finobrasa/Vicunha IV foi uma das que mais experimentou transformações técnico-produtivas e administrativas.

Isto posto, o presente artigo tem como problemática principal identificar qual a percepção que os trabalhadores têm das mudanças vivenciadas na fábrica e como eles reagiram a elas, é problematizado, também, a maneira plural deles se organizarem, objetivando enfrentar um tempo permeado por mudanças. Para se chegar a hipóteses interpretativas que tragam respostas para essas inquietações, em primeiro lugar, será apresentada uma discussão metodológica sobre a História Oral, indicando a mesma como uma metodologia qualificada para obtenções epistemológicas no campo da História Social do Trabalho. Num segundo momento será feito uma análise das narrativas dos trabalhadores e por último nas considerações finais demonstraremos que estas transformações não passaram alheias a percepção dos trabalhadores, haja vista terem alterado de forma significativa os modos de viver e trabalhar dos mesmos.

A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE ABORDAGEM EM UMA PESQUISA SOBRE TRABALHADORES

O historiador deve levar em consideração que o conhecimento histórico é resultado de práticas efetuadas por sujeitos a partir de um determinado “lugar social”⁸ onde são tecidas as suas escolhas, posições, limitações, potencialidades e interesses. Ele também não pode esquecer o sentido dialógico que deve existir na operação historiográfica. O diálogo contínuo entre teoria e evidências, impede que a construção do conhecimento histórico solidifique conceitos e categorias.

Neste estudo serão priorizadas as experiências dos homens em seus tempos e espaços particulares. Para o historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, as singularidades das experiências humanas demonstram que as vivências dos sujeitos devem ser observadas como processos de elaboração da vida, “*fragmentos e evidências deixados por estes atores que consciente ou inconscientemente traçaram um sentido de*

sindical, contra-cheques, atas de reuniões, boletins de ocorrência, atestados médicos, fichas de filiações ao sindicato e etc.

⁸ CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1995, p. 17-48.

suas existências no tempo e no espaço, hoje sendo apropriadas e analisadas pelo historiador”. (2008, p. 21).

Sendo a pesquisa sobre os trabalhadores de uma indústria têxtil cearense, nos últimos 40 anos, a análise do objeto/tema e temporalidade permite que “a dimensão metodológica da História Oral”⁹ seja percebida como a que melhor possibilitará um constante “fiar e tecer” entre referencial teórico e procedimentos empíricos. A escolha da História Oral não tem como objetivo dar voz aos silenciados, mas direcionar a audição para vozes que antes não eram escutadas. Usando essa metodologia – torna-se possível o conhecimento de outras versões sobre determinados acontecimentos e fatos antes considerados irrelevantes ganham magnitude – a História adquire outros significados, pois como afirma Paul Thompson:

“A História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação... pode devolver às pessoas que fizeram e viveram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”.¹⁰

Pressupondo que esta metodologia é um caminho qualificado para ampliações e obtenções epistemológicas, busca-se os significados e percepções que os trabalhadores da Finobrasa/Vicunha IV têm das transformações ocorridas em seu ambiente de trabalho. Não se pode deixar de lembrar que as preocupações com a ética devem nortear toda pesquisa que utiliza essa metodologia, pois ao contar suas histórias ao entrevistador através da oralidade, o narrador revela não apenas aquilo que aconteceu, mas também aquilo que ele queria que tivesse acontecido, haja vista a advertência de Alessandro Portelli: “*o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está sendo contado de modo verdadeiro*”. (1996, p. 64).

Na História Social do Trabalho privilegia-se o significado e o papel histórico desempenhado pela classe operária em seus mais variados aspectos. De acordo com Thompson, “*as classes não existem como categorias abstratas, mas apenas à medida que os homens vêm desempenhar papéis determinados por objetivos de classe,*

⁹ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A dimensão metodológica da história oral. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, vol. 115, n°. Tomo CXV, p. 149-159, 2001.

¹⁰ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 22.

sentindo-se pertencente a classes”. (2001, p. 107). Portanto, a classe operária passa a ser entendida como uma relação entre fenômenos econômicos, políticos, culturais e sociais o que lhe confere uma natureza marcadamente dinâmica.

Pelo viés da História Social do Trabalho, geralmente, questões relacionadas à classe trabalhadora são tratadas a partir de experiências coletivas. Neste estudo, leva-se em consideração o fato de que os sujeitos analisados pertencem à classe operária, porém, será constante a vigilância para não cairmos em uma ambigüidade fundamental epistemológica das ciências ocidentais,¹¹ ou seja, “uma tendência de criar falsas unidades de análise e se pensar mais em termos de unidades individuais que de sistemas de relações, ou mais em termos de aglomerações humanas que de ligações entre seus componentes e o mundo que os cerca”. (CERUTTI, 1998, p. 240-241). Os trabalhadores ao relatarem suas histórias o fazem de maneira plural, o modo deles constituírem seu viver é heterogêneo, essas diferenças são manifestadas pela forma como eles vivenciam, percebem e narram suas experiências enquanto trabalhadores da indústria têxtil cearense.

Ao eleger a História Oral como método de abordagem para uma pesquisa sobre história e memória, nesse caso de membros da classe dos trabalhadores, significa trabalhar com um campo de disputas e diálogos. As subjetividades e as individualidades se afloram, cada narrador à sua maneira e com seu jeito de narrar, reelabora suas tramas individuais, numa experiência compartilhada. São valiosas e privilegiadas as reflexões sobre suas histórias de vida que, às vezes se completam, às vezes se contradizem. Sendo a memória um fenômeno construído, mesmo que na individualidade essa construção possa ser consciente ou inconsciente, é necessário reconhecer que existe um primoroso trabalho de organização quando a memória individual de cada trabalhador seleciona, relembra, recalca e exclui.¹²

Uma análise histórica sobre um período consideravelmente recente aponta para possibilidade de encontrar e “fabricar”¹³ uma maior variedade e quantidade de fontes.

¹¹ CERUTTI, Simona. A construção das categorias sociais. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1988, p. 233-242.

¹² POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 05, n.º. 10, Págs. 200-212, 1992.

¹³ Fabricar, neste sentido, significa dizer que o historiador que trabalha com fontes orais, de certa forma, fabrica as suas fontes ao realizar as entrevistas.

Porém, o que aparentemente é uma vantagem pode se transformar em um problema, isto é, a escolha das fontes que melhor se adaptam ao objeto e a problemática da pesquisa. Neste trabalho utiliza-se, sobretudo, fontes orais, porém não estão sendo descartadas as fontes que não sejam orais, pelo contrário, o estudo está completamente pautado no cruzamento das fontes orais com outros documentos. Sobre esta questão é interessante observar a assertiva de Kênia Rios, “*é fundamental pôr as fontes orais em diálogo com os documentos. O confronto com outras fontes contribui sobremaneira para interpretação do depoimento oral. Esse exercício aponta novos desdobramentos para narrativa*”. (2000, p. 20).

NARRATIVAS SOBRE UM TEMPO METAMÓRFICO

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.¹⁴

De acordo com a matéria publicada no jornal “Diário do Nordeste” do dia 22 de fevereiro de 2008, a fábrica Finobrasa/Vicunha IV, localizada na cidade de Fortaleza, encerraria suas atividades no final do primeiro semestre de 2008. Em consequência desse fato, cerca de 400 trabalhadores da empresa seriam demitidos e os demais seriam transferidos para as outras três unidades da Vicunha têxtil no Estado do Ceará.¹⁵ Já a matéria do jornal “O Povo” do dia 02 de abril de 2008, evidencia que o fechamento de unidades e as demissões de trabalhadores da Vicunha têxtil S/A no Estado do Ceará, eram consequências do processo de reestruturação em vigência na empresa, o mesmo tinha como objetivo fazer com que os lucros da empresa voltassem a crescer, pois eles tinham diminuído bastante, principalmente, depois que a empresa teve que enfrentar a concorrência dos produtos têxteis chineses.¹⁶

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 205.

¹⁵ Matéria publicada no Jornal Diário do Nordeste, em 22 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>

¹⁶ Esta versão foi apresentada pelo jornalista Jocélio Leal, do jornal “O Povo, na coluna Vertical S/A, do dia 02/04/2008. Disponível em: <http://www.opovo.com.br>

Atualmente o prédio onde funcionava a fábrica Finobrasa/Vicunha IV, na Avenida Sargento Hermínio, no Bairro Monte Castelo, está fechado, o que nos faz lembrar as palavras de Walter Benjamin, “ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história”. (1994, p. 205). O fechamento da fábrica contribuiu para dispersar um grupo de trabalhadores e suas memórias, de fato, eventos como este corroboram para que várias memórias se apaguem, muitas histórias deixem de ser conservadas e antigas tramas de sociabilidade sejam desfeitas, em obediência ao imperativo do trabalho produtivo, onde a redução dos custos e o aumento da lucratividade tornam-se essenciais.¹⁷

Depois que a Finobrasa/Vicunha IV fechou em 2008, como as experiências que os trabalhadores vivenciaram na fábrica continuariam sendo socializadas? Quem contaria que na tarde do dia 27 de agosto de 1997 o trabalhador José Bezerra de Lima “morreu sugado por uma máquina” nas dependências da empresa?¹⁸ Quem ouviria que Luiz Alves e Evilázio Batista (funcionários da empresa) disputaram a final do III Campeonato de Tênis de Mesa da Finobrasa?¹⁹ Quem recontaria que a II Exposição de Arte da Finobrasa, reunia 60 trabalhos de 50 funcionários da fábrica?²⁰ Diante dessa situação, este trabalho se propõe a dar visibilidade às “muitas memórias, outras histórias”²¹ de sujeitos que geralmente são “excluídos da história”,²² evidenciando o modo como eles percebem e interpretam o vivido, contam e recontam suas histórias, a partir de suas experiências enquanto operários da indústria têxtil no Ceará.

A integração deste grupo de trabalhadores nos estudos da História Social tem como objetivo a incorporação de novos sujeitos sociais nos estudos históricos.²³ Esta inclusão proporcionará uma reflexão sobre como a partir das transformações processadas no ambiente fabril, os trabalhadores da Finobrasa/Vicunha IV constroem suas experiências. A História na maioria das vezes é contada pelos tido como

¹⁷ BRESCIANI, Maria Stella M. Cultura e História: uma aproximação possível. In: PAIVA, Marcia de; MOREIRA, Maria Ester (Orgs.). *Cultura, substantivo plural*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 35-53.

¹⁸ Jornal O Povo de 29/08/1997 – página policial.

¹⁹ Jornal O Povo de 10/09/1987 – página de esportes.

²⁰ Jornal O Povo de 12/08/1987 – página de cultura e lazer.

²¹ FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D`água, 2004.

²² PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução: Denise Bottmann. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

²³ SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiência e luta dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

vencedores, mas em sua estrutura as tensões e os diversos sujeitos constantemente estiveram ali presentes e atuantes ainda que de maneira “invisível ou inaudível”.

Como já foi frisado na introdução, o problema central deste artigo gira em torno das transformações vivenciadas pelos trabalhadores na fábrica Finobrasa/Vicunha IV desde que começou suas atividades produtivas em 1973 até o momento em que fechou as portas em 2008. Neste sentido, procura-se identificar qual a percepção que os trabalhadores têm das mudanças vivenciadas na fábrica e como eles reagiram a elas. Procura-se entender, ainda, como as transformações da empresa, afetaram diretamente no labor e no viver dos têxteis da Finobrasa/Vicunha IV.

Muitas das transformações que aconteceram na fábrica estão relacionadas com as mudanças implementadas no mundo do trabalho, principalmente, a partir dos anos 90 do século passado. Como por exemplo, o processo de reestruturação produtiva. Os processos de trabalho junto com a introdução de tecnologias inovadoras modificaram tanto a maneira de trabalhar quanto proporcionaram alterações nas qualificações da classe trabalhadora e dificultaram a organização da mesma, conforme afirma Geraldo Pinto: “*as alterações nas qualificações exigidas e as segmentações a partir daí geradas na composição da classe trabalhadora vêm afetando sua organização política, atingido duramente o poder de seus sindicatos frente às entidades patronais*”. (2007, p. 27).

Houve também a extinção de profissões e ofícios e alterações das relações existentes no ambiente de trabalho. Ao mesmo tempo em que as novas tecnologias dinamizaram e aumentaram à produção, elas provocaram a demissão de muitos trabalhadores. Indagado sobre essa questão, eis o que responde o ex-presidente do sindicato dos trabalhadores têxteis de Fortaleza, Seu Antônio Ibiapino: “*Então, esse pessoal ai perdeu todinho o emprego. Você tem hoje uma fábrica com uma produtividade lá em cima e o número de operário bem pequenininho, essa profissão que eu comecei lá, que é o alimentador, não existe mais...*”²⁴

Não é o nosso objetivo, apresentar todas as transformações pelas quais passou a Finobrasa/Vicunha IV, mas será evidenciado como alguns trabalhadores perceberam várias dessas mudanças. De acordo com Telma Bessa Sales é importante, “*analisar as experiências dos trabalhadores frente às mudanças nos modos de trabalho, inserindo e*

²⁴ Entrevista concedida pelo Sr. Antônio Ibiapino a Alexandre Gomes em: 30-07-2008 (banco de dados da pesquisa “Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000”).

construindo essa dimensão de análise e compreensão nos debates atuais". (2002, p. 77). Assim, busca-se entender quais as principais mudanças que alteraram as condições de trabalho na fábrica? Quando elas começaram? Em que período elas se intensificaram? De que forma os operários percebem as ações dos patrões ao implementarem, por exemplo, um novo horário de funcionamento na empresa? Quais significados os trabalhadores atribuem às mudanças técnicas no processo de trabalho? Como eles lidam com as mudanças organizativas e administrativas da empresa? Como se apropriaram de algumas dessas mudanças, beneficiando-se das mesmas?

Seu João Batista começou a trabalhar na Finobrasa em 1980, ao ser indagado sobre quando as mudanças começaram na empresa, ele diz o seguinte:

De 83 pra 84 houve uma mudança lá, que nessa época que eu entrei em 80, era 4 turma né? Trabalhavam duas turma à noite se revezando, uma trabalhava uma noite, a outra não. Ai em 83 acabaram uma turma lá do turno... da noite, ai eles formaram esse sistema 5 por 1... nem todos trabalhavam dia de domingo, só a turma "C" e a "D". Nós o turno "A" e o turno "B", só trabalhava até sábado, todo domingo a gente tinha folga... eles acabaram uma turma, disseram que era a crise, aquela conversa de empresário né, ai foi acabaram um turno, ai ficou só um turno "C", pra noite, na forma de 5 por 1 né, sempre tem alguém folgando todo dia, mas tem que ta completo o quadro né, ai nós também passamos a trabalhar o turno "A" e o turno "B", todos 3 turnos 5 por 1.²⁵

Para ele as mudanças começaram ainda no início dos anos 80. A mudança que ele relembra é a mesma de que fala Jacks Rabinovich, ex-sócio proprietário da Finobrasa/Vicunha IV, em entrevista concedida ao IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria. Falando sobre as transformações processadas na Finobrasa ele afirma:

A Finobrasa foi a primeira empresa têxtil do Brasil a trabalhar 24 horas, sete dias por semana. Economizamos um bom dinheiro de investimento e todas as nossas fábricas até hoje operam 24 horas por dia, sete dias por semana. Fomos nós que iniciamos esse sistema no Brasil.²⁶

A narrativa de Seu João Batista além de tratar da mudança, apresentou, também, sua desconfiança: *"aquela conversa de empresário né... a idéia deles era não*

²⁵ Entrevista concedida pelo Sr. João Batista a Alexandre Gomes em: 02-08-2008 (banco de dados da pesquisa "Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000").

²⁶ Entrevista concedida por Jacks Rabinovich (ex-sócio proprietário da Finobrasa/Vicunha IV) ao IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria. Disponível em: <http://www.iedi.org.br>

*desempregar ninguém, mas conversa porque houve muita gente que saiu na época”.*²⁷

A desconfiança de seu João Batista não é descabível, para se chegar a essa conclusão basta observar a fala de Jacks Rabinovich, citada anteriormente. Ao transformar a Finobrasa na primeira indústria têxtil do Brasil a trabalhar vinte quatro horas por dia, sete dias na semana, os proprietários da empresa não estavam preocupados em manter o emprego dos trabalhadores. Suas intenções eram cortar gastos e aumentar os lucros, mesmo que para isso tivessem que sacrificar os trabalhadores, tanto é que implantaram o mesmo sistema em todas as empresas do grupo Vicunha até os dias atuais.

Seu Clemente trabalhou na Finobrasa/Vicunha IV de 1979 até 2008, ao ser indagado sobre o que mudou após a transformação da Finobrasa em Vicunha IV, ele responde:

é tem mudado muita coisa na norma da empresa né, aí ta ficando mais difícil mais tem mudado muito depois que entrou essa, a Vicunha, as normas dela né... é muito mais severa do que as outras né... mudou só as normas mesmo, as norma da vicunha é mais rigorosa né? Cê tem que trabalhar direitinho ou trabalha ou então bota pra fora, a norma dela é essa não pode faltar.²⁸

Para seu Clemente, depois que a fábrica “transformou-se” na Vicunha IV, as normas se tornaram mais rígidas. Os operários passaram a cumprir normas mais severas, tanto na execução dos trabalhos, como na assiduidade e pontualidade. Percebe-se na fala de seu Clemente um certo saudosismo em relação a uma época anterior, quando ainda era a Finobrasa, pelo que ele deixa transparecer, nesse período existia uma maior flexibilidade em relação aos trabalhadores.

Seu Tarcísio começou trabalhar na Finobrasa em 1983, lhe perguntei se dentre as mudanças que ocorreram na empresa, teve alguma que os trabalhadores puderam tirar proveito dela, então ele disse:

eles inventaram um negócio de mini-fábrica. Essa, mini-fábrica, você tinha que trabalhar na fábrica todinha... aprender desde a massaroqueira até ... desde as cardas, que é a primeira a primeira passagem é as cardas, até o acabamento... mais ou menos, umas 4 máquinas dessas, aprendendo... ai eu aproveitei e

²⁷ Entrevista concedida pelo Sr. João Batista a Alexandre Gomes em: 02-08-2008 (banco de dados da pesquisa “Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000”).

²⁸ Entrevista concedida pelo Sr. Antônio Clemente a Telma Bessa em: 04-08-2007 (banco de dados da pesquisa “Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000”).

aprendi esse processo todinho, se você vê uma fábrica de fiação hoje, eu começo lá da abertura e vou até o acabamento, eu faço tudo, entendeu?²⁹

Para seu Tarcísio, esta transformação foi proveitosa, pois ele aprendeu a operar em diversos tipos de máquinas, sua fala demonstra, inclusive, certo orgulho com relação a este feito.

Os gestores da empresa ao implementarem o sistema de mini-fábrica tinham como objetivo preparar os trabalhadores para lidarem com todas as máquinas existentes na empresa, acreditavam que dessa forma, solucionariam um dos principais problemas da fábrica, as faltas. Com os trabalhadores sabendo operar em todas as máquinas, quando algum deles faltasse, existiria outro apto para exercer a função do faltoso. Já o trabalhador, aproveitou a oportunidade para se especializar em todas as máquinas e se qualificar, no sentido de estar preparado para um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo. Os trabalhadores em seu cotidiano inventam, reinventam e formatam maneiras de conquistar suas vitórias. Se aproveitando das situações, negociam para transformar posições contrárias em circunstâncias que lhes são favoráveis, nesse intuito eles se apropriam de todas as “táticas”³⁰ possíveis.

Diante de tantas transformações, será que os trabalhadores da Finobrasa/Vincunha IV reagiram a estas mudanças? De quais formas reagiram? Se organizaram com o objetivo de disputar este tempo metamórfico? Que tipo de relações estabeleceram com o sindicato dos trabalhadores têxteis? Qual a percepção que eles têm das participações nas greves e nas comissões de fábrica? Como os trabalhadores construía os marcos das lutas que enfrentavam? Quais laços de solidariedade foram sendo tecidos entre estes sujeitos? Procuraram a justiça na busca dos seus direitos?

A análise das fontes tem demonstrado que os trabalhadores reagiram de diversas maneiras às transformações. Dentre as formas de reações podemos citar a ida a Justiça trabalhista, no Memorial da Justiça do Trabalho de Estado do Ceará existe a

²⁹ Entrevista concedida pelo Sr. Tarcísio Araújo a Alexandre Gomes em: 21 e 28-07-2008 (banco de dados da pesquisa “Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000”).

³⁰ De acordo com Michel de Certeau as táticas significam: “*um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar do outro ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância... O “próprio” é uma vitória do não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha não o guarda. Tem que constantemente jogar com os acontecimentos em “ocasiões”. Sem cessar o fraco deve tirar partido de forças que lhes são estranhas*”. (CERTEAU, 1994, p. 46).

documentação referente a um dissídio coletivo empreitado pelos trabalhadores da Finobrasa/Vicunha IV contra a empresa.³¹ Outra maneira de reagir foi à filiação ao sindicato da categoria, eles eram proibidos de se filiarem, inclusive eram ameaçados de demissão caso fizessem isso. Tem-se ainda a greve realizada pelos trabalhadores em maio de 1988, durante 23 dias a maioria dos operários permaneceram parados. Este episódio provocou o fechamento completo da fábrica, pela primeira vez após ter sido implementado o sistema de funcionamento de 24 horas por dia, sete dias na semana.

Com o objetivo de entender as relações dos trabalhadores da Finobrasa/Vicunha IV com o sindicato, principalmente o momento da filiação, entrevistei seu Ibiapino, ex-presidente do sindicato dos têxteis, entre 1987 e 1993, indagado sobre como tinha sido esse processo, ele disse:

Ao assumir a direção do sindicato fomos percebendo os problemas, primeiro a Finobrasa era a maior empresa do ramo com aproximadamente 3 mil trabalhadores e só tinha 15 sócios, então fomos saber por que? Nos informaram que a empresa não permitia associação ao sindicato e que aqueles seriam gradativamente demitidos... Primeiro nós tratamos de filiar os trabalhadores... Então nós trabalhávamos de manhã, de tarde e de noite, fizemos as comissões de fábrica, fizemos os comandos secretos dentro da própria fábrica e tínhamos um forte comando externo representado pela diretoria do sindicato, esse atuava fora da fábrica; desse modo em 90 dias nós filiamos 450 trabalhadores... Fomos a fábrica e os obrigamos a receberem todas as filiações, nós nos apoiamos no grande número de sócios, força, como eles iriam demitir tanta gente?³²

No que diz respeito aos marcos da trajetória de luta dos trabalhadores da Finobrasa/Vicunha IV, em maio de 1988 um fato iria marcar para sempre a vida dos mesmos, isto é, a já citada greve dos 23 dias. Ao ser questionado sobre a greve, eis o que relata o senhor Tarcísio:

Foi geral, paramos foi geral, por exemplo, começamos a greve lá 10 horas, 10 da noite, tem a turma que entra de 10 as 6, ai a turma não entrou, a turma de 10, ficou cem por cento fora, cem por cento é total né, ai quando chegou a turma de 6 às duas, cem por cento, também ninguém entrou, de duas às 10, também. Eu sei que passou os 5 primeiros dias foram assim... né?³³

³¹ Dissídio coletivo é um processo em que vários trabalhadores de uma mesma empresa entram na justiça contra ela. Até o momento em que este artigo foi escrito, a documentação referente a esse processo não pode, ainda, ser analisado em toda sua potencialidade, pois o Memorial está na fase de catalogação da documentação.

³² Entrevista concedida pelo Sr. Antônio Ibiapino a Alexandre Gomes em: 30-07-2008 (banco de dados da pesquisa “Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000”).

³³ Entrevista concedida pelo Sr. Tarcísio Araújo a Alexandre Gomes em: 21 e 28-07-2008 (banco de dados da pesquisa “Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000”).

Na documentação elencada durante a pesquisa e nos estudos já existentes sobre o assunto a greve de 1988 emerge claramente como um marco, não só para os operários da Finobrasa/Vicunha IV, mas para toda categoria dos têxteis do Estado do Ceará.³⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a pesquisa ainda está em andamento, algumas das indagações colocadas neste artigo, ou foram respondidas parcialmente ou não tiveram respostas, "mas o fiar e tecer" da pesquisa tem desvelado o "fio da meada" para se chegar a respostas mais qualificadas. Ademais, as leituras de estudos que tratam do mundo dos trabalhadores no Ceará, nos demais Estados brasileiros e até em outros países, têm corroborado para a elaboração de hipóteses interpretativas que auxiliam na compreensão da história e da memória dos trabalhadores têxteis cearenses. Pois, como afirma Cláudio Batalha, "*a comparação auxilia na elaboração das hipóteses explicativas e suscita questões que dificilmente surgiriam apenas com um estudo de caso, a comparação permite distinguir os traços gerais dos específicos no estudo de um dado fenômeno*". (2006, p. 96).

Portanto, já é possível afirmar que as transformações alteraram consideravelmente o modo de viver e de trabalhar dos operários da empresa. Algumas das mudanças chegaram a interferir, até, no relacionamento conjugal dos trabalhadores, por exemplo, o caso do Senhor Geraldo, ele começou a trabalhar na fábrica em 1981 no expediente diurno, mas como a fábrica passou a funcionar 24 horas por dia, ele teve que trabalhar no horário noturno, diante dessa circunstância eis o que ele nos afirma "*quem trabalha a noite é mais alvoroçado, mais zangado. Em casa às vezes a mulher pergunta uma coisa, eu digo: sei lá, fica perturbado quem trabalha a noite*".³⁵ A mudança no horário de trabalho interferiu no seu estado psicológico e no seu humor e segundo ele, isso o tornou mais intolerante e menos atencioso com a esposa.

³⁴GOMES, Francisco Alexandre. A vida por um fio: memória e experiências dos trabalhadores da indústria têxtil Finobrasa (1980-2000). In: *anais da VI semana de Humanidades da UFC/UECE: memória e devir* (CD-ROM), Fortaleza: UFC – UECE, 2009.

³⁵ Entrevista concedida pelo Sr. Geraldo Ferreira a Telma Bessa em: 29-08-2007 (banco de dados da pesquisa "Memórias e experiências dos trabalhadores têxteis no Ceará – 1980/2000").

É importante ressaltar que os trabalhadores perceberam e identificaram os riscos oferecidos pelas constantes mudanças ocorridas no ambiente de trabalho, conseguindo relacionar as transformações com as conseqüências das mesmas para vida e o trabalho de cada um deles. É necessário dizer, também, que eles não estiveram passivos diante das mudanças, eles reagiram de diversas formas – com uma simples desconfiança, indo a justiça, se organizando em torno do sindicato da categoria, realizando greves e, modificando o sentido de algumas mudanças, forjando benefícios imprevisíveis.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. *O fiar e o tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará*. Fortaleza: Sinditêxtil / Fiec, 2002.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos César de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 145-158.

_____. Os desafios atuais da História do Trabalho. In: *Anos 90*, Porto Alegre: UFRGS, vol. 13, nº. 23/24, p. 87-104, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella M. Cultura e História: uma aproximação possível. In: PAIVA, Marcia de; MOREIRA, Maria Ester (Orgs.). *Cultura, substantivo plural*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 35-53.

CARNEIRO, Ana Joeline. “*Fé e Política: A Pastoral Operária e a Greve da Finobrasa em Fortaleza-1988*”. Trabalho de conclusão de curso. Bacharelado Em Ciências Sociais. Fortaleza: UECE, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. vol. 01 e 02. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

- _____. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1995, p. 17-48.
- CERUTTI, Simona. A construção das categorias sociais. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1988, p. 233-242.
- CORRÊA, Larissa Rosa. *Trabalhadores têxteis e metalúrgicos a caminho da Justiça do Trabalho: leis e direitos na cidade de São Paulo, 1953 a 1964*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Campinas: UNICAMP, 2007.
- FEIJÓ DE SÁ, Maria Yacê Carleial. *Os homens que faziam o tupinambá moer: Experiência e trabalho nos engenhos de rapadura do Cariri (1945-1980)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza: UFC, 2007.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- FREITAS, Adriana Oliveira de; MOREIRA, Vânia Maria Losada. A Imagem no espelho: memória de operários. In: *Revista Ágora*, Vitória: UFES, vol. 01, nº 01, p. 1-20, 2005.
- GOMES, Francisco Alexandre. A vida por um fio: memória e experiências dos trabalhadores da indústria têxtil Finobrasa (1980-2000). In: *anais da VI semana de Humanidades da UFC/UECE: memória e devir (CD-ROM)*, Fortaleza: UFC – UECE, 2009.
- GONÇALVES, Adelaide. A imprensa dos trabalhadores no Ceará: histórias e memórias. In: SOUSA, Simone (Org.). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 259-286.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A dimensão metodológica da história oral. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: Instituto do Ceará, vol. 115, nº. Tomo CXV, p. 149-159, 2001.
- MASSUDA, Ely Mitie. Transformações recentes da indústria têxtil brasileira (1992-1999). In: *Acta Scientiarum*, Maringá: UEM, vol. 24, nº 01, p. 243-251, 2002.

MEDEIROS, Mônica Xavier de. “*Bom mesmo é ser metalúrgico*”: vivências de trabalhadores metalúrgicos na cidade de São José dos Campos-SP. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Uberlândia: UFU, 2006.

NÓBREGA, Yuri Holanda da. *Operários em construção*: as experiências sindicais dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza entre as décadas de 1970 e 1990. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza: UFC, 2006.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Entre os retalhos do trabalho esquecido: narrativa, memória e história dos trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro. In: *Cidade Nova*, Rio de Janeiro: AGCRJ, vol. 01, p. 71-83, 2007.

PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século 20*: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 05, nº. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro: UFF, vol. 01, nº 02, p. 60-76, 1996.

RIOS, Kênia Sousa. História oral: que história é essa? In: *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina: UNOESC, ano 14, nº 12, p. 10-22, 2000.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*: experiência e luta dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALES, Telma Bessa. Tecelões de histórias: trabalhadores têxteis e a greve de 23 dias. In: *anais do XXV Simpósio Nacional de História - ANPUH: história e ética* (CD-ROM): ANPUH – CE, Fortaleza, 2009.

_____. *Trabalho e Reestruturação Produtiva*: O caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo/SP. São Paulo: Annablume – Fapesp, 2002.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE, 1920-1970. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Recife: UFPE, 2008.

SEVERIANO, Evania Maria Oliveira. “A greve dos têxteis em maio/88 e sua repercussão no plano da consciência do operariado”. Trabalho de conclusão de curso.

Graduação em Serviço Social, Fortaleza: UECE, 1995.

SILVA, Maria Sângela de Sousa Santos. A organização dos operários têxteis em Fortaleza nos anos 30. Fortaleza: APEOC – Forgráfica, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*.

NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sergio (Orgs.). Campinas: Edições UNICAMP, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VALE, Eltern Campina. *Tecendo fios, fazendo história: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza: UFC, 2008.